



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Psiconeuroendocrinologia e o lugar da mentira na psicoterapia. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

1

PSICONEUROENDOCRINOIMUNOLOGIA E O LUGAR DA MENTIRA NA PSICOTERAPIA

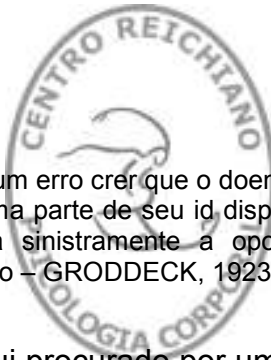
Esdras Guerreiro Vasconcellos

RESUMO

Quanto mentem e quando dizem realmente a verdade Terapeutas e Pacientes? Quando a mentira pode ser uma verdade e a verdade uma irrefutável mentira? Avanços neurocientíficos têm demonstrado com exatidão cada vez maior a constituição neurofisiológica da mentira e da verdade. É surpreendente perceber que a precisão de tais experimentos ultrapassa 90% de exatidão. Tais conhecimentos trazem relevantes conseqüências para a relação terapêutica. “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” nem sempre é assim. Às vezes a verdade nos aprisiona.

Palavras-chave: Mentira. Neurociência. Psiconeuroendocrinologia. Psicoterapia. Verdade.

1. Questionando a Mentira



Porque é um erro crer que o doente vai ao médico para sarar. Ele tem apenas uma parte de seu id disposto a isto, a outra teima na doença e espreita sinistramente a oportunidade de obrigar o médico a prejudica-lo – GRODDECK, 1923, p. 93

Há alguns anos atrás fui procurado por um engenheiro de 48 anos e sua esposa, 3 anos mais jovem, que desejavam fazer uma terapia de casal. A queixa central era a baixa frequência de relações sexuais, principalmente depois do nascimento dos filhos. Todos tres em idade já adulta, dois deles casados. A mulher não estava ainda na menopausa, nem apresentava sintomas dessa natureza. A atividade sexual diminuiu por ocasião da primeira gravidez e desde então nunca se reestabelecera aos moldes da época de namoro e primeiros anos do casamento. Ela definiu seu marido como “... *fogoso demais e quer sexo todo dia! Isso não é possível. Tenho mais coisas a fazer do que transar* (riu, como se desaprovasse ela mesma a justificativa que expusera). *Na verdade, minha vontade vem murchando gradativamente*” confessou ela. Entretanto, ambos estavam ali, de comum acordo, e dispostos a se empenhar em recuperar uma parte do prazer que se perdera. Não



apresentaram dificuldades nem conflitos em outros âmbitos da vida matrimonial e familiar. Tratavam-se carinhosa e respeitosamente. Durante 6 meses compareceram regularmente às sessões e declararam ter feito grandes progressos na retomada de uma vida sexual mais satisfatória. Para ambos. Inegavelmente mostravam-se mais sorridentes, cúmplices, menos distantes, mais íntimos, portanto mais felizes. É importante salientar que, ao início da terapia, não se viam como infelizes no matrimônio.

O curioso aconteceu, porém, 3 anos e meio depois, quando ele me procurou para contar *“um segredo guardado, não a sete, mas a setenta e sete chaves lá dentro. Algo que nunca foi revelado a absolutamente ninguém!”* frisou ele. Ele era profundamente apaixonado pela irmã de sua esposa. Uma paixão que nascera quando ainda ele e sua esposa namoravam. Em copiosas lágrimas ele me contou dessa paixão e de como pensava em E. todos os dias. Sentia que com o passar dos anos seu amor por ela só tinha aumentado. De como, já naquela época observava *“o jeito meigo e dedicado dela. Totalmente diferente de minha mulher, que sempre foi mais fria e objetiva”*. Ele logo percebeu que não tinha como terminar o namoro com a sua mulher, pois sabia que a irmã jamais aceitaria namorar com ele. Além do mais ela já namorava há muitos anos um rapaz simpático e de quem era grande amigo. Decidiu casar-se então para poder ficar perto de sua amada. Como toda a família era muito unida, compartilhavam, há 26 anos, os mesmos ambientes e festas. Cerca de dois anos atrás revelou a E. sua paixão, que pasma, porém calma e ternamente, quase nada soube dizer a respeito, senão que *“entendia, mas que ele não deixasse nada daquilo prejudicar o casamento dele com sua irmã”*. Assim ocorreu e na verdade, nunca tiveram o menor problema com isso. Ninguém ficou sabendo dessa conversa e a vida continuou normalmente, sem que jamais tivesse *“dado bandeira”*.

Quando esse paciente começou a me contar essas coisas, a primeira sensação que me sobreveio, foi a de que ele mentiu durante todos os 6 meses de terapia que tinha feito com sua esposa. Pensei comigo mesmo, que ele tinha que ter me procurado logo após a primeira sessão, para me contar dessa sua paixão por sua cunhada. Eu teria então conduzido a terapia totalmente



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Psiconeuroendocrinologia e o lugar da mentira na psicoterapia. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

3

diferente do que fiz. *Ele me enganou!* Pensei com raiva. Essa frase repetia-se quase que autonomamente durante os longos minutos daquele encontro. Tentava ansiosamente reconfigurar toda a gestalt que tinha daquele casal, com base nesse novo e significante dado. *Ele mentiu!* O pranto de meu paciente me dizia porém que ele não estava mentindo, nem inventando histórias. Por sorte pude logo entender que se tratavam de duas coisas distintas em sua vida: a satisfação que envolvia seu matrimônio e um grande amor por outra pessoa, o que guardava secretamente em seu coração. Mas, e o problema da verdade? me perguntei. Mentia ele toda vez que afirmava amar sua esposa?. Resolvi fazer-lhe então a pergunta: “*Você tem a sensação de ter mentido para sua esposa quando veio fazer terapia com ela?. Você queria mesmo ter uma vida sexual mais gostosa com ela?. Ao que ele me respondeu, “Não, eu não menti. É verdade tudo que disse. Eu gosto de transar com minha esposa!”*”

Enquanto esse paciente parece conciliar com certa habilidade dois amores num mesmo coração, é fato que muitos outros existem que não lidam tão bem com suas verdades sentimentais e fazem frequente opção por distorcer, omitir ou mentir fatos importantes de sua vida interior ou exterior.

Há lugar na Psicoterapia para a mentira? O que podemos fazer com ela?. Como reagimos quando percebemos que o paciente não está falando a verdade? Uma mentira, da qual nunca se fica sabendo nada, é uma mentira?. Que consequência ela tem para o processo terapêutico?. Quem mente pode estar dizendo a verdade? Ou o reverso disso: Quem diz a verdade pode estar mentindo?. A máxima dos filósofos gregos “*Conhece-te a ti mesmo*”, supõe que coisas existem dentro de nós, que desconhecemos, portanto se afirmamos algo por ignorância de seus reais motivos, estamos mentindo? Quando Nietzsche diz, “*Não há ninguém que não seja desconhecido de si mesmo*” aponta para mentiras que carregamos dentro de nós, sem sabermos? Uma inverdade é diferente de uma mentira? E quando o paciente revela que *mentiu por amor* como avaliamos seu comportamento? A mentira branca é menos grave que qualquer outra?



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Psiconeuroendocrinoimunologia e o lugar da mentira na psicoterapia. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

4

Desde essa experiência com meu paciente engenheiro, passei então a me perguntar, quanto de verdade é necessário para se conduzir um produtivo processo terapêutico. Se é mesmo importante saber toda a verdade, a irrestrita verdade? Sabemos que eles muitas vezes afirmam ao médico estar tomando a medicação, sem que realmente o façam. E quando um declara não saber porque fez isso ou aquilo, realmente não tem consciência dos motivos? Lembrei-me dos normopatas, dos alexitímicos, dos que racionalizam tudo e me perguntei se eles verdadeiramente nada sentem. E quando o paciente nos conta de suas fantasias e desejos, o que ele omite? Distorce seu relato por mentira, vergonha ou desconhecimento de si mesmo? Sei que é difícil admitir, mas, às vezes, certas mentiras são realmente verdades, enquanto certas verdades são indubitáveis mentiras. Um episódio que vemos sempre comprovado, é de que uma mentira repetida torna-se-á uma verdade mais tarde.

2. A Neurociência e a Psiconeuroendocrinoimunologia da Mentira

Afinal, quem mente? Eu ou meu cérebro?. A criança, temerosa do castigo que poderá receber pelo que fez, quer contar a verdade, mas a esconde. Nós adultos, igualmente. O Eu deseja ser sincero, mas quando nos damos conta, constatamos que falamos outra coisa e não aquilo que pretendíamos.

Nosso sistema nervoso filtra as percepções de nossos sentidos para construir o que chamamos de realidade. Kant afirmava isso para nos mostrar que a realidade em si (*das Ding an sich*) não nos é conhecida, nem nunca a será. Só dispomos de um sistema orgânico para conhecê-la e este sistema, autonomamente, seguindo suas regras biológicas, misturadas com nossa história de vida, reconstrói a realidade percebida de uma forma muito individual e particular. O que acontece dentro de nós pode ter muito ou quase nada a ver com o que acontece lá fora, nunca sabemos ao certo, e a realidade clínica nos mostra isso com muita frequência. Em alguns casos ela nos parece tão



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

5

VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Psiconeuroendocrinologia e o lugar da mentira na psicoterapia. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

discrepante, embora seja a pura verdade para o indivíduo, que a chamamos de devaneio, fantasia, delírio, halucinação ou loucura.

É fato que utilizamos desse mesmo sistema nervoso para nos conhecermos, para gerar auto-conhecimento. Ora, sabemos que a maior parte de nossa vida interior nos é e permanecerá desconhecida. Logo, nunca ninguém saberá a total verdade sobre si próprio. Yalom, no seu livro *A Cura de Schopenhauer*, (pag. 222) conclui: *“A vida interior é reprimida e não pode ser conscientizada porque conhecer nossa natureza mais profunda (nossa crueldade, medo, inveja, desejo sexual, agressividade, egoísmo) seria um peso maior do que poderíamos aguentar”*

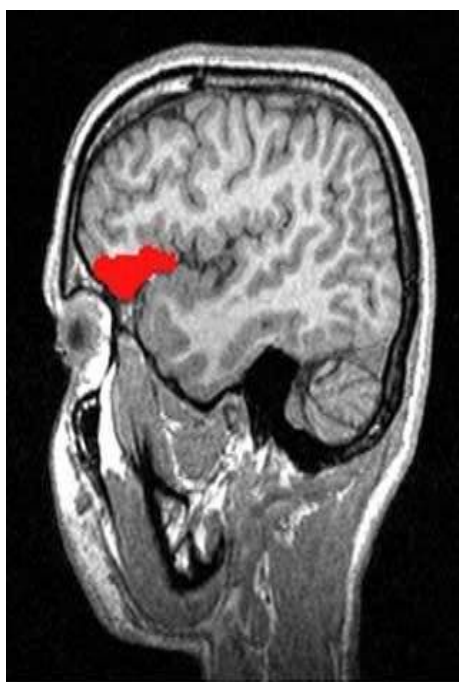
Procurando dar mais objetividade à esses processos é que a Neurociência tem se empenhado em conhecer cada vez mais profundamente, o misterioso funcionamento do cérebro humano. Desenvolvendo métodos capazes de detectar quais partes do cérebro são ativadas quando pensamos, sentimos ou fazemos determinadas coisas, ela tem conseguido jogar um fecho de luz sobre a escuridão de nossos processos mentais e emocionais. Dentre muitas dessas descobertas, salientarei aquelas que têm uma relação direta com nosso tema.

Em artigo da Scientific American Brasil, de novembro de 2007, encontramos a seguinte colocação: *“Você é mentiroso? Pergunte a seu cérebro. Pesquisadores usam imageamento por ressonância magnética funcional para monitorar o fluxo sanguíneo e determinar se alguém está contando lorota.*

Quando estamos mentindo ou omitindo alguma coisa a alguém, seja a criança, a seus pais, ao professor, o adulto ao chefe, ao policial rodoviário ou a namorada, alguma manifestação física ocorre. Podemos começar a transpirar excessivamente, ou gaguejar, ficar enrubescido, piscar os olhos mais rápido, sentir o coração mais acelerado, um nó no estômago, um calafrio correr pela espinha, enfim, são várias e individuais a forma do corpo nos indicar que tem alguma coisa esquisita acontecendo. A Neurociência está partindo dessa premissa para descobrir quando estamos falando a verdade e quando estamos mentindo, utilizando um scanner de fMRI (Ressonância Magnética Funcional)

que mede alterações nas propriedades magnéticas das moléculas de hemoglobina dos glóbulos vermelhos. A alteração da frequência magnética se dá em relação com a quantidade de oxigênio que essas hemoglobinas estão transportando.

Gary Stix, publicou um artigo na mesma Scientific American Brasil, sobre esse tema, em setembro do ano passado, onde se refere aos experimentos de Sean A. Spencer, da Universidade de Sheffield, na Inglaterra. Este pesquisador concentrou sua atenção no sangue da atividade neural das sinapses. As partes mais ativas do cérebro, utilizam obviamente, mais sangue e oxigênio.



REPRESENTAÇÃO GRÁFICA de uma fatia do cérebro destaca duas áreas mais ativas quando uma pessoa mente: a que contém a verdade e a que formula a informação falsa

Através dessa observação é possível constatar que a região dos lobos frontais são mais ativados quando estamos falando a verdade (figura da esquerda) e no córtex anterior cingulado e lobo frontal esquerdo, quando estamos mentindo. Há estudos demonstrando quotas de acerto em 90% dos casos.

Esses estudos de Spencer comprovaram o que em 2004, Murphy, Duffy and David G. Jones, da Universidade de Rochester constataram, ou seja, que falar a verdade ativa uma área do cérebro, enquanto mentir ativa duas: a da



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

7

VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Psiconeuroendocrinologia e o lugar da mentira na psicoterapia. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

mentira e a da verdade ocultada. (a Neuropsicanálise diria: da verdade reprimida intencionalmente, conscientemente).

Em 2007, Wolpe and Langleben da Universidade da Pensilvânia, usaram a fMRI em testes de perguntas e respostas em condições em que os sujeitos eram obrigados a mentir ao responder: ex. o experimentador perguntava: *É verdade, que você sempre diz a verdade?* ou *É verdade que você nunca mente?*, ou *Se você nunca mente, você está dizendo a verdade agora?* confirmando os mesmos achados de Spencer e David Jones.

Uma descoberta bem mais antiga, dista de 1988, portanto há 21 anos atrás, quando J. Rosenfeld da Universidade de Northwestern, estudando esse mesmo tema em sujeitos saudáveis, utilizando eletroencefalogramas detetou uma onda na superfície do cérebro, a qual denominou P300. Ela aparecia, ou seja, se constituía sempre em situações em que o sujeito estava mentindo. Esses estudos continuaram e Rosenfeld, Labkovsky, Winograd, Lui, Vandenoorn and Chedid publicaram recentemente um importante artigo sobre a P300.

Os resultados mais surpreendentes foram porém alcançados por Prat, Keller and Marcel A. Just, da Universidade de Carnegie Mellon, nos USA e por Niels Birbaumer, hoje na Universidade de Tübingen, na Alemanha (tive a satisfação de ser aluno desse brilhante professor durante minha graduação na Universidade de Munique). Sua publicação é juntamente com Anders, Sadowski, Erb, Mader, Grodd & Lotze, em 2008. Ao serem expostos ao mapeamento de fMRI de sujeitos que durante o experimento pensaram 12 conceitos propostos pelos experimentadores, esses cientistas conseguiram associar com exatidão de 80 a 90% a imagem ao conceito pensado. Eles conseguiram portanto saber no que os sujeitos estavam pensando ao verem as imagens de ressonância magnética cerebral.

Eles também distinguiram aqueles cérebros que estavam lendo uma sentença clara, daqueles que estavam lendo uma sentença ambígua. Se os sujeitos estavam pensando em um verbo, um substantivo ou em um nome próprio. Para cada uma dessas situações havia um padrão de ativação da rede



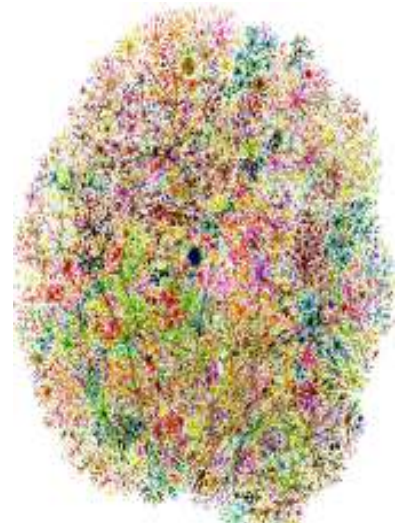
neural distinto. Eles conseguiram reproduzir esse experimento no computador com sucesso.

Não é difícil imaginar que a ampliação desse método nos permitirá, num futuro bem próximo, identificar com significativa margem de segurança, processos inconscientes como temores, medos, desejos, fantasias, cujas existências estejam ocultas ao próprio paciente. Motivos inconscientes, mentiras, distorções, halucinações, realidades distintas daquelas que a consciência do paciente nos revele, “monstros e demônios” abrigados na escuridão do labirinto cerebral, poderão ser desta forma iluminados, conhecidos.

Se por um lado o valor desse conhecimento parece inestimável para a Neurociência, por outro sabemos que o scaneamento do universo íntimo do indivíduo pode se prestar a interesses políticos e econômicos excusos. A Biotecnologia é atualmente um campo de pesquisa inteiramente comprometido com esses interesses. E isso nos faz olhar com acentuado espírito crítico o que descobre.

Se assim acontecer, *o olhar nos olhos do paciente, o tête-a-tête* deixará de ser dispositivo confiável de verdade para ser substituído por algum aparelho medidor, como o é na área médica. Acoplado a um aparelho preciso e estatisticamente confiável o paciente não mais terá o livre-arbítrio de nos contar, omitir ou mentir sobre o fato que não deseja nos revelar. A verdade deixará de existir na consciência de cada um de nós cedendo esse lugar à tecnologia.

Nosso cérebro possui alguns quatrilhões de conexões, as quais encontram-se em incessante dinâmica. A todo instante milhares de novas conexões surgem e desaparecem. Uma permanente configuração e reconfiguração cria novos pensamentos, sentimentos, idéias, insights, conclusões, decisões, comportamentos. O fato dessa dinâmica não ser linear, mas quântica-fractal





COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Psiconeuroendocrinologia e o lugar da mentira na psicoterapia. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

9

permite o surgimento de nosso vasto, amplo e infinito universo interior com suas sutilezas obscuridades e maravilhas. Essa estrutura dificulta enormemente o estabelecimento de padrões e matrizes que garantam à Ciência prever nosso comportamento. Equações matemáticas e computacionais conseguirão porém descobrir que, subjacente a todas essas variações há uma matriz de elaboração de estímulos, que é peculiar a cada indivíduo. Métodos avançados de neurociência têm conseguido esquadrihar de forma confiável algumas das infinitas trilhas neurais de nossa consciência.

Se concebemos a relação terapêutica como uma relação de confiança e sinceridade mútua, cabe aqui então perguntarmo-nos se os processos cerebrais do terapeuta, seus desejos, fantasias, medos, inseguranças, preconceitos, suas verdades e suas mentiras também serão medidas e scaneadas?

3. O Psicoterapeuta como referência da verdade?

É curioso lembrar que, enquanto as transferências do paciente são abertas e devem ser fomentadas, as contra-transferências devem ser ocultadas e são objetos de análise exclusivas do terapeuta. (Exceto em Ferenczi, que defendia o método da análise recíproca). Isso significa que o paciente nunca fica sabendo o que realmente pensamos e sentimos sobre ele e seus problemas.

Somente nas profundezas de nosso pensamento somos realmente e verdadeiramente livres. No dia em que um aparelhar identificar com precisão o que estamos pensando e sentindo perderemos nossa única e real liberdade?

Saber o que é indiscutivelmente verdade é tarefa realmente difícil. Saber lidar com a mentira, necessário. Além do mais, no cotidiano de nossa atividade clínica somos colocados diante do espelho constantemente. Percebemos que, apesar de todo nosso esforço consciente, não conseguimos falar apenas e tão somente a verdade. Nem dentro, nem fora do consultório. Tão logo nos encontremos em uma situação mais vexatória, arranjamos uma justificativa, um escape e inventamos uma inverdade na tentativa de afastar de nós a terrível e



visível *blamage*. Mesmo assim, e apesar de todo nosso empenho, percebemos que nosso interlocutor ficou com a sensação de que a coisa não é bem assim como narramos. Quando porém conseguimos convencê-lo, orgulhamo-nos de nossa inteligência que foi capaz de inventar uma mentira convincente,

Todos, suspeitamos alguma vez de nossa honestidade como terapeuta. E geralmente tentamos resolver esse conflito ouvindo a opinião de um colega externo, um supervisor. Essa medida aristotélica, altamente recomendada, tem se mostrado sempre útil e necessária.

Se desconfio de mim e tenho dúvidas se sou mesmo honesto parece ser isso um questionamento de honestidade, ainda que angustiante. Eduardo Gianetti escreveu um excelente livro sobre o Auto-Engano, no qual ele diz que só “ *o desonesto precisa convencer-se de que é honesto*”. Inquietado pela dúvida de mim mesmo e de minha honestidade, diante de meu auto-nomeado juiz, mesmo assim, armo-me com argumentos e justificativas que nos convençam, a ele e a mim mesmo, que sou honesto. Dificilmente alguém faria o contrário disso. Sendo assim, nossa busca pela avaliação externa sobre nossa honestidade é intencional e não objetiva a verdade. Se delego a alguém a tarefa de me ouvir e emitir uma apreciação sobre mim, vou fazê-lo no sentido dessa minha busca pela comprovação de minha honestidade. Meu supervisor vai ouvir todos os fatos que lhe contar sem saber se estou sendo fidedigno com o acontecido ou se estou distorcendo-os. É certo que durante todo momento da narração estarei selecionando e censurando minha narrativa, para evitar que ele chegue à conclusão de que sou desonesto. Estarei então sendo desonesto, no momento em que quero ser honesto?. Se sou um mentiroso inveterado, pode acontecer de que, procurando ser honesto, minta sem perceber que estou mentido. Logo minha confissão não será confiável.

Podemos por tanto concluir que, se respondo à pergunta *Sou honesto?* com Não, comprovo eu mesmo minha desconfiança. Mas desconfiar é não saber com certeza, logo, como posso estar certo que não o sou?; se minha resposta for Sim, ela não é crível, pois sei que não sou confiável em causa própria.



Conta-se que o filósofo grego Diógenes (413-327 a.C.), que se considerava um cidadão do mundo, andava com uma lâmpada à procura de um homem honesto que dissesse apenas a verdade.

Queremos todos ser éticos e ter um comportamento moral de tal maneira que ninguém nos impute transgressão e corrupção. No entanto estamos todos fadados a contrariar as regras vingentes à todo instante. O mundo moderno ao nosso redor, tornou-se tão complicado, vigiado e regulamentado, que não há mais espaço para ser ético por vontade própria. Quando a moralidade nos é imposta, somos fortemente tentados a subvertê-la. A mentira é um dos mecanismo que dispomos para escapar da verdade aprisionadora. Mentir, enganar, omitir, destorcer, falsear, falsificar são atributos da natureza de todo ser vivo, sobretudo daqueles que possuem um sistema nervoso.

O rabino Nilton Bonder, no seu livro *A Alma Imoral*, diz que a diferença humana é estar consciente não apenas de seu corpo mas de sua alma, de suas leis e de suas desobediências. ...alma que identifica para além dos interesses do corpo, *tanto as desobediências que respeitam como as obediências que desrespeitam*. Essa contundente constatação nos impacta e pode causar distress moral. Ele conclui: “*Para tudo que é compreendido como certo há, em determinadas circunstâncias, uma conduta errada que pode representá-lo melhor do que a aparentemente correta*”.

A admirável pesquisadora Ester Cabado Modia, escreveu os resultados de seus *recherches* sobre o ser humano gerencial stressado no livro *Prazer e Agonia*. Na página 110 estão catalogados os indivíduos muito stressados, mas que sentem não ter mecanismos de Coping para enfrenta-lo. Eles declaram então: “*Não há muita saída*”, “*Não tem muita válvula de escape*”. Perguntei-se me se rumo a válvula de escape é ter um dispositivo, uma justificativa, na linguagem popular, uma desculpa, que possa atenuar o que sentem?.

A

própria ciência, que se esmera em procurar a verdade do conhecimento



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

12

VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Psiconeuroendocrinologia e o lugar da mentira na psicoterapia. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

algumas vezes publica inverdades. Muitas vezes constatamos que que é preferível a doença ao remédio.

Em muitos momentos a inverdade pode ser um gesto humano enquanto a verdade muitas vezes é usada para destruir. Fica claro então que a mentira, no seu aspecto deletéreo, tem a ver com intencionalidade. Uma forma de se evitar a angústia que tal consciência nos traz é admitindo uma postura auto-consciente: se estou errando e quero errar, não posso julgar quem erra.

Quanto a nós próprios e aos nossos paciente convém perguntar sempre se quem mente porque não pode suportar a realidade, a verdade, realmente mente? E quem a nega, também?

Considero uma postura sensata quando o terapeuta deixa seu paciente entender que não vai lhe perguntar nada, que ele, preferencialmente, queira nos esconder!

Para finalizar recorrerei agora a 3 canções que em suas estrofes e versos falam dos motivos que as vezes temos, e que em certas circunstâncias da vida não nos permitem ser honestos e sinceros:

Se eu digo pare, você não repare, no que possa parecer,
mas se eu digo venha, você traz a lenha, pro meu fogo acender
(Simone, *Lenha*)

O meu medo é uma coisa assim
Que corre por fora, entra, vai e volta sem sair
Não, não tente me fazer feliz
Eu sei que o amor é bom demais
Mas dói demais, sentir

(Marina Lima, *Pessoa*)

E para finalizar:

Responda depressa quem se acha esperto
Quem sabe de tudo que é certo na vida
Porque que a cara feroz da mentira nos pode trazer tanta felicidade?
Porque que na hora da grande verdade às vezes o povo se esconde,
esquece?

Verdade....esconde esconde, jogo de esconde esconde, tudo se
esconderá

Mentira.... esconde esconde, jogo de esconde esconde, tudo se
esconderá

Verdade, mentira
Verdade ou mentira?



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

13

VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Psiconeuroendocrinologia e o lugar da mentira na psicoterapia. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Às vezes é sua inimiga a verdade
Às vezes é sua aliada a mentira
Aquilo que a vida nos dá e nos tira
Não anda de braços com a sinceridade
Por onde será que é mais curto o caminho?
Qual deles mais sobe?
Qual deles mais desce?

Verdade....esconde esconde, jogo de esconde esconde, tudo se
esconderá
Mentira.... esconde esconde, jogo de esconde esconde, tudo se
esconderá
Verdade, mentira
Verdade ou mentira?

Tem gente que jura que a vida é virtude
Tem gente que faz o bem por falsidade
Não há no universo uma força que mude
O dom da mentira, o som da verdade
A lábia do sábio, a arma do rude
São Deus e o Diabo unidos na prece

Verdade....esconde esconde, jogo de esconde esconde,
tudo, tudo se esconderá
Mentira.... esconde esconde, jogo de esconde esconde
tudo, tudo se esconderá
Verdade, mentira
Verdade ou mentira?

(Sá e Guarabira, *Verdade, Mentira*)

O príncipe Míchkin, do clássico romance de Dostoiévski, *O Idiota*, concluiu sobre si mesmo:

“Palavras e ações, mentiras e verdades estão em mim de tal forma misturadas, que no fundo sou sincero”

REFERÊNCIAS

Gianetti, Eduardo **Auto-Engano**, Companhia das Letras, São Paulo, 1997

Modia, Ester C. **Prazer e Agonia**, Café Editora Expressa, 2ª Edição, São Paulo, 2000

Bonder, Nilton **A Alma Imoral**, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1998

Prat, C, Keller, TA, Just, M A, (2008): **Individual differences in sentence comprehension: An fMRI investigation of syntactic and lexical processing demands. Journal of Cognitive Neuroscience, in press.**



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

14

VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Psiconeuroendocrinologia e o lugar da mentira na psicoterapia. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Birbaumer, Niels, Anders S., Sadowski, B., Erb, M., Mader, I., Grodd, W., & Lotze, M. (2008) **Parietal somatosensory association cortex mediates affective blindsight**, *Nature Neuroscience*, 7(4), 339-340

Rosenfeld, Peter J.; Labkovsky, Elena; Winograd, Michael; Lui Ming A.; Vandenboom, Catherine and Chedid, Erica **The Complex Trial Protocol (CTP): A new countermeasure-resistant, accurate, P300-based method for detection of concealed information** in: *Psychophysiology*, 45 (2008), 906–919

Kathryn M. Murphy, Kevin R. Duffy and David G. Jones, **Experience-dependent changes in NMDAR1 expression in the visual cortex** in: *Visual Neuroscience*, Volume 21, Issue 04, July 2004, pp 653-670

Wolpe, PR and Langleben, DD: **Lies, Damn Lies, and Lie Detectors**. Harvard Business Review McGreary, Lew (eds.). Harvard University. 86(2): 25, February 2008 Notes: Harvard Business Review Breakthrough Ideas for 2008.

Spencer, Sean; Gary Stix. **Esclarecendo Mentiras**, *Scientific American Brasil*, setembro, 2008, p. 12

Yalom, Irving. **A Cura de Schopenhauer**, Ediouro, Rio de Janeiro, 2005

AUTOR

Esdras Vasconcellos Guerreiro/SP - Graduação em Psicologia na Universidade de Munique, Alemanha. Doutorado em Medicina Psicossomática no Max-Planck-Instituto (Instituto Alemão para o Avanço da Ciência Max-Planck), Alemanha. Professor de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia/USP. Professor de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar)/PUC-SP. Diretor Científico da Associação Brasileira de Medicina Psicossomática - Regional SP. Diretor Científico do Instituto Paulista de Stress, Psicossomática e Psiconeuroimunologia. Membro da Academia Paulista de Psicologia - Cadeira nº 10.

E-mail: esdras@interciencias.com.br